

A arquitetura escolar na Serra Gaúcha no contexto da modernidade

Maria Beatriz P. MACHADO*, Roberto RADÜNZ^a, Monika Maria STUMPP□,
Roberta SARTORI□ □ □

*Mestre em Educação, UFRGS, 1990, Universidade de Caxias do Sul
Rua dos Ipês, 509/21, Cinquentenário. CEP 95012-270. Caxias do Sul/RS
E-mail: mbpmacha@ucs.br

^a Doutor em História, PUC/RS, 2003, Universidade de Caxias do Sul

^b Mestre em Arquitetura, UFRGS/RS, 2004, Universidade de Caxias do Sul

^c Acadêmica, Universidade de Caxias do Sul

Resumo

O presente texto propõe identificar as transformações tipológicas na arquitetura dos edifícios escolares modernos entre 1930 e 1970, em cidades da Serra Gaúcha. Os exemplares selecionados compõem o acervo da pesquisa *Arquitetura Moderna na Serra Gaúcha: acervo e novas tecnologias na Educação Patrimonial*, desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul. Para tanto, de forma sintética, buscou-se contextualizar as iniciativas existentes envolvendo a concepção dos espaços escolares e sua relação com a concepção de educação. Posteriormente, os exemplares selecionados foram divididos em décadas e analisados segundo os aspectos organizativos, ordenativos e tecnológicos. Os edifícios escolares apresentam características compositivas semelhantes. Nos anos 30, os edifícios faziam a transição do eclético para o *art déco* e, na década seguinte, há o predomínio da linguagem *art déco*. Na década de 50 verifica-se uma aproximação mais acentuada com o modernismo nas cidades da região da Serra Gaúcha.

Palavras-Chave: arquitetura moderna, edifícios escolares, educação

☒ Abstract

This article proposes to identify the typological changes in the architecture of modern school buildings between 1930 and 1970 in southern Brazil. The selected buildings compose the collection of research in the Modern Architecture in southern Brazil: collection and new technologies in heritage education, developed at the University of Caxias do Sul – Brazil. The work attempted to contextualize the existing initiatives involving the design of schools and its relation to the concept of education. Subsequently, the selected buildings were deal into decades and analyzed according to organizative, ordenative and technological aspects. In the 1930's, the buildings made the transition from eclectic to art deco and in the next decade, there is a predominance of the art deco language. In the 50s there is a stronger approach to modern architecture.

Key words: modern architecture, school buildings, education

1. Introdução

A análise do espaço escolar tem sido realizada sobre diferentes enfoques, abarcando as relações de poder, a relação professor X aluno, os processos de construção do conhecimento, as metodologias, o processo de avaliação, entre outros. Nesse artigo vamos tratar do espaço escolar enquanto produção arquitetônica, analisando nove obras que compõem o acervo do projeto de pesquisa *Arquitetura Moderna na Serra Gaúcha: acervo e novas tecnologias na Educação Patrimonial (Amsg, 2008)*, desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul. Essas produções arquitetônicas compõem a mídia digital (DVD) com a análise de, aproximadamente, 600 exemplares da arquitetura modernista, divididas em diferentes tipologias: residenciais unifamiliares e multifamiliares e institucionais (bancos, clubes, escolas, cinemas). A análise de como a escola foi pensada ao longo do tempo, quais os aspectos que foram considerados para edificar essa instituição, nos permite estabelecer uma relação com a concepção de educação veiculada pelo Estado e os limites e possibilidades da sua concretização.

Na primeira parte do texto propomos contextualizar as primeiras manifestações sobre a arquitetura escolar e sua relação com a preocupação sobre os problemas educacionais brasileiros. Na segunda parte, apresentaremos o conjunto de prédios escolares que compõem o universo da pesquisa e a análise realizada considerando os aspectos organizativos, ordenativos e tecnológicos.

2. O prédio escolar e o pensamento sobre educação

A preocupação do poder público com a educação altera-se na medida em que a estrutura política, econômica e social sofre modificações: destinada a uma parcela restrita da população durante o período imperial e desenvolvida, em grande parte, por estabelecimentos confessionais, a estrutura educativa é alvo de preocupação de uma população que se torna cada vez mais urbana no período republicano.

As camadas médias aspiram cada vez mais o acesso à educação como possibilidade de ascensão social. No entanto, deparam-se com o número insuficiente de vagas, com instalações precárias e a escassez de profissionais formados para o exercício do magistério.

No início do período republicano, paróquias, dependências comerciais e casas particulares eram alugadas e ali as aulas avulsas eram ministradas por professores leigos na sua maioria. O ideário republicano apregoa a escola pública, gratuita e obrigatória e advoga a necessidade de espaços edificados especificamente para o funcionamento das instituições escolares. Assiste-se à reunião destas aulas “avulsas” ou “isoladas” nos

chamados grupos escolares¹ que passam a constituir-se no modelo de escola primária e de modernidade do ensino.

A modernização pretendida revelava-se através das condições físicas (iluminação, ventilação, área disponível e espaços para diferentes atividades), da existência de uma estrutura administrativa e divisão do trabalho docente, a classificação dos alunos através das séries, o estabelecimento de exames e organização de programas amplos e enciclopédicos. (ANTUNHA, 1976, p. 70-71).

A localização dos grupos escolares obedecia alguns critérios: segundo Buffa e Pinto, (2002, p. 42-43), foram implantados em regiões nobres, ocupando quadras inteiras *ou grandes lotes de esquina que proporcionassem uma visualização completa do edifício e permitisse múltiplos acessos*.

Os profissionais responsáveis pela construção dos primeiros prédios escolares eram de origem estrangeira e inspiravam-se nos modelos europeus. Tal como na França, o modelo pedagógico imposto pela República para o ensino primário se baseava no controle, no respeito à hierarquia e na disciplina. Havia também a separação de alunos por sexos, impondo a construção do prédio em duas alas: masculina e feminina. Além disto, outros aspectos eram considerados: dimensões das salas de aula, posicionamento do quadro - negro e carteiras, iluminação e circulação e localização dos sanitários.

A grande demanda e a necessidade de lidar com recursos exíguos fizeram com que fossem adotados, em alguns casos, projetos-tipo com características comuns e alterações somente na fachada. Analisando especificamente o surgimento dos Grupos Escolares mineiros Faria Filho (1998) aponta para as implicações dessas instituições na consolidação de uma nova cultura escolar, tanto pela crítica que faziam às escolas isoladas, como pelos *novos signos políticos* que pretendiam instaurar:

Diferentemente do espaço ocupado/usado pelas escolas isoladas, estruturado em sua origem para atender outras finalidades - domésticas ou religiosas, por exemplo -, e que traziam consigo e atualizavam no dia-a-dia escolar outros símbolos, signos e, portanto, valores, sensibilidades, enfim, outras culturas, os grupos escolares deveriam significar, ao mesmo tempo em que um distanciamento deste mundo doméstico e religioso, a criação de uma nova cultura escolar que evidenciasse, simbólica e materialmente, a vinculação da escola com o mundo secular, público e urbano.

Na década de 30, apesar dos esforços do período da República Velha, os problemas educacionais do Brasil ainda persistem e o analfabetismo atinge 69% da população. A transição de uma economia agrário-exportadora e dependente para uma proposta de industrialização e substituição das exportações traz no seu bojo a ascensão de um grupo social que terá papel preponderante nos rumos da economia brasileira. Por outro lado, essa nova realidade da entrada do Brasil no mundo capitalista de produção vai exigir

¹ Os grupos escolares foram instituições de ensino destinadas a atender a educação pública, formados pela reunião de escolas isoladas, agrupadas pela proximidade. Poderiam abarcar até 200 alunos com três ou mais docentes atuando no mesmo prédio.

mão-de-obra especializada e, para isso, era preciso investir na educação. A criação do Ministério da Educação e Saúde e a figura de Anísio Teixeira constituem um capítulo significativo na história da educação, relacionado, entre outros, com o tema da arquitetura escolar e com os princípios do movimento escolanovista, que ganhava força entre os educadores brasileiros.

Anísio Teixeira (1900-1971) propôs a implementação de um sistema nacional de ensino que influenciasse os projetos dos edifícios escolares. Suas idéias foram difundidas quando assumiu como Inspetor Geral do Ensino no Estado da Bahia em duas épocas diferentes (1924 e 1946), junto à Secretaria de Educação no Rio de Janeiro (1931) e a frente da CAPES (1951-1964) e do INEP (década de 50 de século passado).

Em todos os cargos ocupados, Anísio Teixeira preocupou-se em introduzir um sistema educacional transformador, que rompesse com o estigma da escola para as minorias privilegiadas. Propunha uma escola pública universalista que superasse a instrução pura e simples. Para isso, planejou a implementação de seis programas arquitetônicos planejados para a organização do espaço escolar² em um trabalho realizado pelo arquiteto Enéas Silva, que, segundo Dórea (2003), encontra-se vinculado à filosofia escolanovista da educação. Para Anísio Teixeira, o prédio, era fundamental para que um programa de qualidade pudesse ser desenvolvido. (TEIXEIRA, 1997, p. 255).

As idéias de Anísio Teixeira sobre a educação e a escola dão uma dimensão da importância que a arquitetura escolar ocupava: *não desejamos palácio luxuoso, mas construções econômicas e nítidas que apoiem, com uma simples e forte base física, a obra educacional entrevista pelos que acalentam os ideais de uma reconstrução da própria vida, pela escola.* (TEIXEIRA, 1935, p. 204).

As principais características desses edifícios eram as formas geométricas simples, o uso do concreto armado e a abolição de ornamentos. Foram incorporados novos espaços para atender o ideário escolanovista: auditório, sala para reuniões, sala de canto, espaço para jogos e leitura. Os planos de Anísio Teixeira foram colocados parcialmente em prática. O número de vagas necessárias para atender a demanda aumentava em uma proporção geométrica inversa aos recursos financeiros destinados para a educação no geral e construção de escolas em particular.

Nas décadas seguintes, outras iniciativas dessa natureza ocorreram em vários estados brasileiros. No entanto, sempre entravam na escassez de recursos, no discurso frágil que coloca a educação como prioridade e na indiferença dos gestores públicos com a importância do espaço construído para dar conta das necessidades pedagógicas que as novas tendências educacionais exigiam. Na maioria das cidades o que se percebe são escolas situadas em áreas precárias, construções que primam pela economia, resultando em espaços reduzidos, mal ventilados e com iluminação deficiente.

² Programa mínimo, nuclear, *platoon* de 12 salas, *platoon* de 16 salas, *platoon* de 25 salas e playground ou *escola-parque*.

3. A arquitetura escolar na Serra Gaúcha

A análise da arquitetura escolar modernista na Serra Gaúcha foi realizada através de nove exemplares selecionados do acervo da pesquisa. Com localização privilegiada, estas construções foram edificadas em períodos de desenvolvimento acentuado da economia regional. A análise dos aspectos organizativos, ordenativos e tecnológicos de cada um deles possibilitam perceber a incorporação gradativa da linguagem modernista na arquitetura escolar entre 1930 e 1970.

Na década de 30 do século passado, os exemplares arquitetônicos selecionados localizam-se em Caxias do Sul e são mantidos por esferas distintas. A escola Murialdo pertence a uma ordem religiosa e o SENAI foi construído pelo poder público, dentro da política de ensino profissionalizante do governo Vargas para atender as necessidades de mão-de-obra qualificada. A escola Italo não chegou a ser construída existindo somente o projeto arquitetônico no Arquivo Histórico de Caxias do Sul.

Na década seguinte (1940), os exemplares situam-se em diferentes cidades da região, refletindo o processo de urbanização, que coincide com a gênese da industrialização na Serra Gaúcha. Construídas com recursos públicos, são representativas deste investimento estatal as escola Emílio Meyer (Caxias do Sul), Frei Caneca (Flores da Cunha) e Felipe dos Santos (Veranópolis).

Duas escolas particulares, ligadas a ordens religiosas são construídas na década de 50 do século passado: Cabrini em Caxias do Sul e Nossa Senhora de Lourdes em Farroupilha. Ao lado dessas, em Bento Gonçalves, com a chancela de Oscar Niemeyer, surge a Escola Estadual Bento Gonçalves, dentro do espírito do desenvolvimentismo do período.

Analisando as edificações selecionadas em relação aos princípios propostos por Anísio Teixeira, percebe-se que em nenhum dos casos houve a preocupação em construir escolas que atendessem os alunos em tempo integral. No início de seu funcionamento a Escola Murialdo oferecia o sistema de internato, mas não corresponde ao proposto de educação integral. No geral os nove edifícios escolares tinham ambientes projetados para abrigar atividades administrativas, instalações sanitárias para ambos os sexos, biblioteca, auditório e salas de aula. Os novos ambientes – refeitório, jardins e áreas livres - também estão presentes nos projetos investigados.

Estas edificações foram analisadas observando-se algumas etapas metodológicas. Iniciando-se com a análise dos aspectos organizativos, que dizem respeito à volumetria e à sua relação com o sítio, as obras foram classificadas em tipologias. Por tipologia entende-se a abstração máxima da composição, até que se consiga perceber apenas as relações entre as partes (MAHFUZ, 1995). Foram realizados esquemas gráficos tridimensionais representando as tipologias, de modo a facilitar a compreensão do universo estudado.

A Figura 1 mostra que os nove exemplares de edifícios escolares foram classificados em três tipologias (T1, T2 e T3).

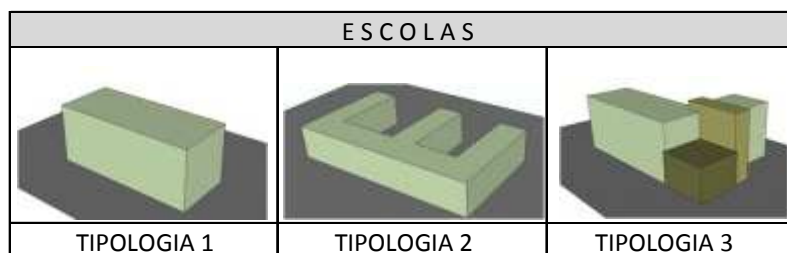


Fig. 1: Resultado da classificação tipológica para os edifícios de escolas.

A tipologia 1 é definida por edifícios de partido compacto, em forma de barra. Ainda que essa tipologia apresente edifícios situados ora em terrenos de meio de quadra e ora de esquina, as configurações da volumetria não são alteradas. A tipologia 2 é representada apenas por um exemplar, um edifício de partido composto, em formato de “E”, configurando alas, tendo sido implantado em área sem contexto imediato construído. Já a tipologia 3, também de composição aditiva, se caracteriza pelo escalonamento de volumes.

Seguiu-se com a análise dos aspectos ordenativos e tecnológicos, destacando-se o tratamento da volumetria, ou seja, relações entre cheios e vazios, relações de hierarquia e simetria entre os elementos da composição, utilização de materiais e técnicas construtivas, etc. Com o objetivo de identificar as transformações tipológicas ocorridas com o passar do tempo, a análise foi elaborada com uma abordagem cronológica, dividida por décadas. A Figura 2 demonstra a organização cronológica por décadas dos edifícios de escolas estudados neste trabalho.



Fig. 2: Edifícios de escolas classificados em tipologias e organizados por décadas.

Na década de 30 do século passado, na Serra Gaúcha, a linguagem dos edifícios escolares começa a deixar o ecletismo para traz, mostrando, ainda que de modo tímido, características do *Art Déco*, estilo em voga no cenário brasileiro, que refletia a política de modernização do governo de Getúlio Vargas. Entre os edifícios construídos nesta década, é possível destacar as escolas Murialdo (Figura 3a), Ítalo (Figura 3b) e SENAI (Figura 3c), construídas em Caxias do Sul, com partido compacto e em forma de barra, onde a cobertura é expressiva. O tratamento do acesso é fundamental, e, portanto, está centralizado e conta com *grandes portas recuadas ou elevadas em relação à rua, conferindo certa imponência ao acesso*. (POLEZE, 2010, n.p). O acesso também é enfatizado pela aplicação de letreiros em alto relevo com o nome da instituição e pela presença de uma pequena platibanda. Na escola Ítalo, a platibanda se estende e esconde o telhado apenas na fachada frontal. Nestas escolas a simetria é recorrente, assim como a ocorrência de ornamentos com formas geométricas e a verticalização das aberturas, que demarcam um ritmo compositivo.

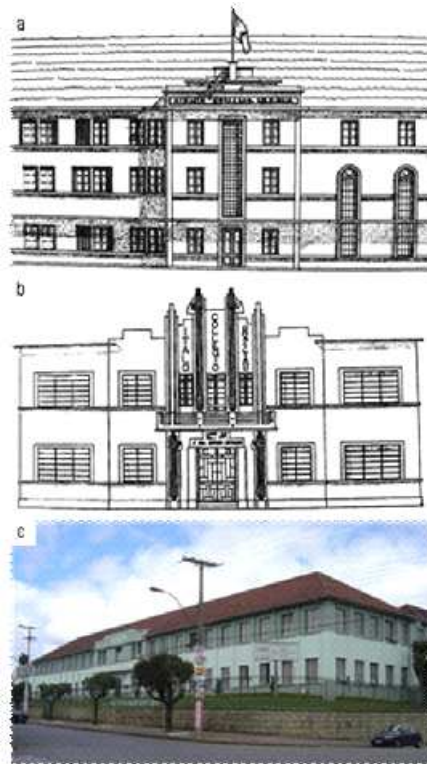


Fig. 3: –a. Escola Murialdo, Caxias do Sul. (Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004) b. Escola Ítalo, Caxias do Sul. (Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari, 2010) –c. Escola do SENAI, Caxias do Sul. (Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari, 2010) –

Na década seguinte (1940), aparecem escolas *déco* de partido aditivo, muito semelhantes entre si. As instituições educacionais que representam esta tipologia são: em Caxias do Sul, a escola Emílio Meyer (figura 4a); em Flores da Cunha, a escola Frei Caneca (figura 4b); em Veranópolis, a escola Felipe dos Santos (figura 4c).



Fig. 4: –a. Escola Emilio Meyer, de Caxias do Sul. (Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004) –
b. Escola Frei Caneca, de Flores da Cunha. (Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004) –c.
Escola Felipe dos Santos, de Veranópolis. (Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004).

Na composição o telhado fica oculto pela platibanda e o terraço aparece como novidade. O volume que abriga a circulação destaca-se na composição pela sua verticalidade, evidenciada por uma grande abertura. As demais aberturas mantêm uma disposição ritmada e possuem dimensões reduzidas, porém, em um dos volumes, elas são agrupadas de modo a configurar uma grande janela de canto. O acesso é demarcado, sendo, em alguns casos, elevado em relação ao passeio. Sobre estes edifícios, Poleze (2010, n.p.) afirma que: *como ornamentos, destacam-se as antenas situadas no volume vertical, assim como os nomes e números identificando as edificações, característica bem forte do período. Esses elementos buscam enfatizar o próprio caráter e função do edifício.*

A linguagem moderna surge na década de 50, simultaneamente a manifestações do *déco*, como demonstra o Colégio Cabrini (Figura 5), de Caxias do Sul, e o Colégio Estadual General Bento Gonçalves (Figura 6), de Bento Gonçalves.

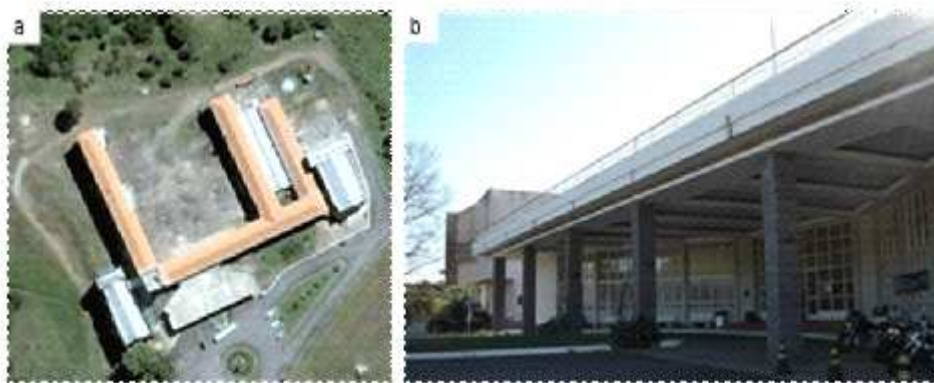


Fig. 5: –a. Imagem de satélite da escola das Irmãs Cabrini, Caxias do Sul. (Fonte: Google Earth, 2010) –b. Escola das Irmãs Cabrini, Caxias do Sul. (Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004)



Fig. 6: Escola Estadual General Bento Gonçalves, de Oscar Niemeyer, em Bento Gonçalves. (Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004)

Sobre estes dois edifícios, Polezze observa:

Um exemplo que ilustra a tentativa de incorporar esta linguagem é o da antiga Escola das Irmãs Cabrini de Caxias do Sul. Nela, alguns elementos do vocabulário modernista são observados, como a modulação estrutural, as grandes aberturas, o revestimento em pastilhas. Porém, as

coberturas ainda são grandes e a volumetria não é pura em sua integridade, o que revela permanência do repertório dos períodos anteriores. [...] Adotando a linguagem moderna em sua plenitude, destaca-se a escola projetada por um dos maiores representantes do movimento moderno na arquitetura brasileira, Oscar Niemeyer. A edificação é uma ruptura na linguagem escolar até então desenvolvida na Serra Gaúcha. Na sua composição observa-se que a forma é pura, recorrendo a platibandas em todo o seu perímetro. A simetria é quebrada, uma vez que não há necessidade de marcar o acesso. O uso do concreto possibilita que as janelas sejam contínuas, predominando o vazio sobre o cheio. Os ornamentos, como os letreiros, desaparecem da fachada, não havendo necessidade da identificação do edifício, como nos períodos anteriores. (POLEZE, 2010, n.p.)

Observa-se uma evolução tecnológica em relação aos edifícios escolares anteriores, principalmente na escola projetada por Oscar Niemeyer, visto que a estrutura de concreto armado permitiu um grande vazio na fachada livre.

Ainda que as transformações tipológicas da maioria dos edifícios de escolas obedeça a uma certa lógica, apresentando inicialmente características ecléticas, depois assumindo o *déco*, até chegar a expressões do moderno, deve-se considerar a existência de exceções, como o edifício da Escola Nossa Senhora de Lourdes (Figura 7), em Farroupilha.



Fig. 7: Escola Nossa Senhora de Lourdes, em Farroupilha. (Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004)

Sua expressão lingüística é simplificada, considerando-se que foi construído na mesma década do colégio General Bento Gonçalves, que é o edifício mais próximo à linguagem moderna dentre os estudados. Na escola de Farroupilha, ocorre o emolduramento das esquadrias através da aplicação de frisos geométricos, o predomínio do cheio sobre o vazio, e a platibanda aparece apenas na fachada frontal, na tentativa de disfarçar a cobertura de ponto alto.

Assim como as transformações tipológicas, a evolução tecnológica ocorre de modo cronológico, visto que, no último exemplar construído, a estrutura de concreto armado permitiu um grande vazio na fachada livre. A expressão lingüística de vanguarda e a imponência são características desses edifícios que se mantêm com o passar do tempo.

No seu conjunto, o espaço escolar, materializado nos edifícios analisados, manifestou uma cultura escolar, acessível apenas para determinadas parcelas da população. A demanda crescente nas décadas seguintes não foi fator decisivo para o aprimoramento dos programas arquitetônicos dos prédios escolares. Pelo contrário, a racionalização do espaço para redução dos custos foi o fator predominante, determinando a conformação do espaço escolar e a distribuição das áreas, sem considerar, na maioria das vezes, a relação disto com o processo de ensino e aprendizagem.

Referências

ANTUNHA, H. C. G. **Instrução pública no Estado de São Paulo: a reforma de 1920.** São Paulo, USP, Faculdade de Educação: FEUSP. (Estudos e documentos/ publicação da Faculdade de Educação).

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI. **Imagens Escola São José, Escola Ítalo e Escola Murialdo.** Caxias do Sul, 2010.

BUFFA, Ester; PINTO, G.A. **Arquitetura e educação: organização dos espaços e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893/1971.** São Carlos, Brasília: EDUFSCAR, INEP, 2002.

DOREA, Célia Rosângela Dantas. **Anísio Teixeira e a arquitetura escolar: planejando escolas, construindo sonhos.** Tese (doutorado em educação) PUC/ São Paulo, 2003.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. **Revista da Faculdade de Educação**, vol. 24, n. 1, São Paulo. Jan/Jun, 1998.

MAHFUZ, Edson da Cunha. **Ensaio sobre a Razão Compositiva;** uma investigação sobre a natureza das relações entre as partes e o todo na composição arquitetônica / Edson da Cunha Mãos. Viçosa: UFV, Impr. Univ.; Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.

PESQUISA ARQUITETURA MODERNA NA SERRA GAÚCHA. **Acervo e Tratamento dos Dados.** Caxias do Sul: UCS, 2008 (Material instrucional do grupo de pesquisa)

POLEZE, Viviane. **Edifícios Institucionais Modernistas na Serra Gaúcha.** Caxias do Sul: UCS, 2010. (Relatório parcial de pesquisa).

RAMALHO, M. P. L.; WOLF, S. F. As escolas Paulistas na Primeira República. **Projeto, São Paulo**, n. 87, p. 66-71. Maio 1980

9º seminário docomomo brasil
interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente
brasília. junho de 2011 . www.docomomobsb.org

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia: introdução à administração educacional**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____ Educação pública: administração e desenvolvimento. RJ: Diretoria Geral de Instrução Pública, 1935. (Relatório administrativo).